**Instituto Sedes Sapientiæ**

**Curso de Pedagogia Simbólica Junguiana**

**1º Ano**

**Curso de Supervisão com Técnicas Expressivas**

**3º Ano**

**Curso de Psicologia e Psicopatologia Simbólica Junguiana**

**6º Ano**

**Docente: Dr. Carlos Amadeu Botelho Byington**

Reflexões sobre a Aula 14 – 18.06.2015

**Tema:** Psicologia Simbólica Junguiana: Capítulo X – Arquétipo Patriarcal, pp. 201-225. análise do filme *Shirley Valentine*.

Continuando o conceito de Jung de que a libido é a energia psíquica, a Psicologia Simbólica Junguiana considera todas as coisas símbolos estruturantes e todas as funções, funções estruturantes da libido, cuja interação é coordenada por arquétipos e rege o processo de elaboração simbólica para formar a identidade do Ego e do Outro na Consciência. O Ego e o Outro não surgem na vida psíquica separadamente. Sua identidade emerge de dentro dos símbolos por intermédio da elaboração simbólica que os separa e forma as suas identidades.

Da mesma forma que a polaridade Ego-Outro, no começo de cada elaboração simbólica, os polos das demais polaridades, inclusive da polaridade homem-mulher, estão fusionados e indiscriminados e, no decorrer do processo de individuação, vão aos poucos se diferenciando e construindo a sua identidade.

O Arquétipo Central é o maestro coordenador da elaboração simbólica. Ele tem duas grandes funções estruturantes. Uma é a **função estruturante do amor e do dever**. A outra é a **função estruturante da vida e da morte**. A função estruturante do amor expressa a afetividade entre as polaridades e a função estruturante do dever expressa a afirmação da identidade.

Desde o início da formação da Consciência, possivelmente, sempre achamos que conhecíamos a nós mesmos e à natureza à nossa volta a começar pela aparente translação do Sol em torno da Terra. Com o desenvolvimento das ciências modernas, reconhecemos nosso desconhecimento do universo e de nós mesmos além das aparências. Essa percepção deu lugar à necessidade de buscar aprofundar esse

conhecimento incessantemente. É o que vem acontecendo com as ciências exatas, com as ciências humanas, incluindo ultimamente a busca de conhecermos melhor as identidades do homem e da mulher.

A Psicologia Simbólica Junguiana descreve cinco inteligências da polaridade Ego-Outro que se articulam para exercer o conhecimento. Elas são a posição indiferenciada, coordenada pelo Arquétipo Central, seguida pela posição insular do Arquétipo Matriarcal, pela posição polarizada do Arquétipo Patriarcal, pela posição dialética do Arquétipo da Alteridade, que engloba os Arquétipos da Anima e do Animus e, finalmente, pela posição contemplativa do Arquétipo da Totalidade, que termina toda e qualquer elaboração simbólica, inclusive da vida física. A posição dialética do Arquétipo de Alteridade é a mais profunda, inteligente e abrange maneira de compreendermos a realidade, posto que ela permite ao Ego expressar-se plenamente diante do Outro e vice-versa.

Para o homem e a mulher buscarem se conhecer dentro da dialética de alteridade, ou seja, dentro de um relacionamento quaternário em que um pode expor qualquer característica e inclusive denunciar a Sombra do Outro e vice-versa, é necessário que eles elaborem e ultrapassem as fixações e defesas matriarcais e patriarcais que reduzem sua capacidade de elaboração simbólica, em função do relacionamento dramático e até trágico vivido durante os dez mil anos de dominância patriarcal.

A meu ver, resumidamente, as principais fixações, que atingiram o homem e a mulher nesse período de aproximadamente 10 mil anos regidos pela dominância patriarcal, foram matizadas **pela separação radical da polaridade homem-mulher, pela repressão da função afetiva do homem, pela opressão existencial da mulher e pela identificação redutiva de cada um com os seus papeis sociais**. Devido ao fato desses papeis sociais terem sido divididos e reduzidos principalmente às funções do lar para a mulher, exceto o pátrio poder, e às demais atividades sociais para o homem, as identidades deles foram limitadas grandemente por esses estereótipos. O problema, porém, é que eles não só assim se comportaram como também se sentiram. A identidade do homem e da mulher foram reduzidas e confundidas com o papel social circunstancial que passou a ser considerado uma identidade psico-biológica-social, inclusive nas ciências humanas.

Sobre a identidade do homem, podemos dizer de um modo sucinto, que as principais deformações históricas da sua identidade foram a repressão de grande parte do Arquétipo Matriarcal e da função sentimento à custa de uma ênetapa exagerada do Arquétipo Patriarcal, centralizada no exercício do poder, da competição, da autocracia, do narcisismo, da agressividade, do sexo e da violência. A autocracia da identidade do

homem na polaridade homem-mulher levou-o a usufruir narcísica e despoticamente do que foi depositado na mulher, como a sensualidade, a alimentação e as demais obrigações do lar. O narcisismo inerente a essa autocracia levou o homem a impor à mulher a exclusividade da sexualidade e a presença do *shador*, por exemplo, que lhe permite mostrar sua face unicamente aos homens da família. Essas condições dão uma pequena ideia da **dificuldade de um homem dispor da função afetiva** para relacionar-se com o mundo dentro da alteridade, principalmente com a mulher, que é a companheira mais próxima da sua intimidade.

Sobre a identidade da mulher, podemos também dizer de maneira resumida que as principais deformações históricas da sua identidade foram a deposição nela do Arquétipo Matriarcal, reduzido às funções domésticas com a repressão do poder e da sexualidade. A natureza dessas restrições explica **a preservação da função afetiva na mulher** e seu esforço gigantesco moderno para buscar relacionar-se com o homem em igualdade de condições nas profissões fora do lar, na sexualidade e na autoridade dentro dele. Nesse sentido, a grande deformação defensiva da identidade da mulher nessa busca foi a não valorização da preservação da função afetiva e o não reconhecimento do exercício defensivo da sexualidade exclusivamente matriarcal (desejo), passando a imitar o homem na sua mais grave defesa, ao competir com ele.

Jung descreveu os Arquétipos da Anima e do Animus expressando símbolos muito variados, mas dando-lhes uma conotação geral do feminino no homem e do masculino na mulher. Apesar de dar a esses arquétipos a condição de alteridade para relacionar dialeticamente consciente-inconsciente e de buscar a totalidade (psicopompos), acredito que o fato dos conceitos da Anima e do Animus serem atribuídos ao feminino, que é sinônimo de mulher, dentro do homem, e vice-versa, com o masculino e o Animus, veio confundir grandemente os conceitos de identidade do homem e da mulher, como Freud (1905) já o havia feito.

Desta maneira, sugiro que os Arquétipos da Anima e do Animus sejam considerados exclusivos respectivamente do homem e da mulher, como conceituou Jung, mas que suas polaridades sejam concebidas dentro da polaridade Yin e Yang, como fez a sabedoria chinesa, o que evita reduzirmos a Anima ao feminino no homem e do Animus ao masculino na mulher.

## A Tipologia Arquetípica do Homem e da Mulher

A igualdade de expressão do homem e da mulher na alteridade pode se apresentar e variar dentro das tipologias **matriarcal dominante** e **patriarcal dominante**, seja no Self Individual, seja no Self Cultural.

Como sabemos, os casais, mesmo sem o desejarem conscientemente, geralmente apresentam uma tipologia oposta, o que se explica pela busca empreendida pela Anima e pelo Animus para complementar o processo de individuação de cada um dentro do **quatérnio adulto** ou conjugal. Quando o homem é patriarcal dominante e a mulher é matriarcal dominante, esta tipologia é relativamente sintônica com a tradição do Self cultural do Ocidente e desperta pouca atenção. Quando, porém, o contrário se dá, e o homem é de dominância matriarcal e a mulher, de dominância patriarcal, podem surgir dificuldades dos cônjuges de se relacionarem e diferenciarem sua identidade dos papéis sociais tradicionais. São casos que necessitam de orientação pedagógica junto com a psicológica.

## O Autoconhecimento e o Conhecimento do Outro

O relacionamento igualitário entre o homem e a mulher depende do autoconhecimento incluindo a Sombra dos dois. Este relacionamento conjugal é assim, de natureza dialética e quaternária e cada um dos cônjuges necessita dizer ao Outro, com delicadeza, inteligência e integridade, aquilo que sente como positivo e negativo e, ao mesmo tempo, ter a honestidade para ouvir o que o Outro tem a dizer a seu respeito. Nesse nível de profundidade, as pessoas necessitam se conhecer e subordinar seu relacionamento ao processo de individuação, de tal maneira que a relação homem-mulher não seja restrita aos papéis sociais tradicionais e possa ser vivida simbolicamente em função da busca da totalidade de cada um. Assim sendo, o homem e a mulher podem transcender o narcisismo ou o ecoísmo tipológicos dominantes inerentes aos padrões patriarcal e matriarcal. Isso é necessário para elaborar qualquer símbolo e função estruturante, dentro do Arquétipo da Alteridade no processo de individuação, tanto de si próprio quanto do Outro. Para exercermos a autoafirmação é necessário acionarmos a **função estruturante do poder** e, em contrapartida, para exercermos a autoestima e a consideração pelo Outro é necessário acionar a **função estruturante do amor**.

Não é preciso dizer que esse relacionamento necessita de um alto grau de diferenciação psicológica que a imensa maioria dos homens e das mulheres ainda não tem. Não se pode negar, porém, que com o grau de alteridade já atingido pela cultura

Ocidental, junto com a busca arquetípica sempre presente na autorrealização e no amor, o caminho do homem e da mulher seja nessa direção.

Podemos analisar o atraso histórico no desenvolvimento do processo de individuação do homem e da mulher, excluídas as situações meramente circunstanciais, sob duas vertentes interligadas. **A primeira é o histórico familiar e a consciência coletiva na qual a pessoa está inserida**. Sem um vínculo entre os pais, no qual eles sejam minimamente praticantes de uma relação de alteridade, é muito difícil para os filhos a desenvolverem. **A segunda vertente diz respeito à deformação do conhecimento da formação da identidade do menino e da menina na terceira etapa arquetípica da vida, entre os 2 e os 12 anos de idade**. Nessa etapa, as reações da criança com os pais e deles entre si, no **quatérnio primário**, matizam intensamente a relação entre o homem e a mulher na vida adulta.

A descrição da formação do Ego, a partir das relações primárias, foi talvez a mais genial das descobertas de Freud. Sua descrição da **sexualidade infantil** e do **complexo de castração e da inveja do pênis na mulher** para "interpretar" a reação emocional dela ao fato de não ter pênis, porém, foram de uma natureza tão **errada**, **estapafúrdia** e **misógina**, que afastaram muito sexual e afetivamente a mulher do homem, bem como atrasaram enormemente a compreensão da identidade dela (Freud, 1905).

Os estudos de Kinsey (1948, 1953), de Hite (1976) e de Master e Johnson (1966), sobre a sexualidade humana durante a segunda metade do século vinte, foram decisivos para se estabelecer a base da identidade masculina e feminina na posição insular matriarcal, condição indispensável para se compreender o seu processo de individuação.

**Estes estudos sobre a sexualidade, mais a descoberta dos anticoncepcionais**, que **permitiram o controle da natalidade**, foram dois eventos fundamentais que propiciaram o **encontro sexual orgástico** entre o homem e a mulher. Após estas duas memoráveis conquistas, tornou-se possível **identificar dois problemas que, até então, haviam ficado ocultos**. O primeiro diz respeito à **criatividade da mulher e a sua culpa com a sexualidade** e o segundo se refere à **separação comum na personalidade do homem entre sexo e afeto**. Ambos dizem respeito à formação da identidade dos dois.

## O Quatérnio Primário

A psicologia simbólica Junguiana elabora a **formação da identidade do Ego e do Outro** na Consciência da criança a partir do quatérnio primário. Ele é formado pela relação do **Complexo Materno**, formado pela figura materna e demais figuras cuidadoras

femininas a ela associada, com o **Complexo Paterno**, formado pela figura paterna e demais figuras cuidadoras masculinas a ele associados. O terceiro componente é **o vínculo entre eles** e o quarto componente é formado pelos **significados das reações da criança**.

Os componentes do quatérnio primário são símbolos e funções estruturantes e, como os demais, podem ser **normais ou fixados** (defensivos e patológicos), formando a Sombra. Assim sendo, a Psicologia Simbólica Junguiana considera **o Complexo de Édipo um dos muitos distúrbios da função estruturante do quatérnio primário**, cuja fixação no menino afeta os complexos materno com o incesto, e paterno, com o parricídio, o vínculo entre eles e as reações da criança de forma incestuosa e parricida. Outras reações patológicas possíveis do quatérnio primário do menino são a fixação por ódio à mãe, homossexualidade defensiva com o pai, fixações por abandono e rejeições variadas, identificações com a Sombra de membros da família, pela inveja, ciúme competição de um dos pais ou dos dois com os filhos, pela manifestação defensiva do poder dentro do Self Familiar, enfim, por todas as variações defensivas de eros e poder dentro da ação estruturante do Arquétipo Central, nesta etapa inicial da vida.

É necessário frisar, porém, que **a redução da formação do quatérnio primário ao Complexo de Édipo feita pela psicanálise foi uma deformação gigantesca da teoria da formação da identidade**. A omissão do Complexo de Jocasta, do Complexo de Laios e do vínculo entre eles no uso do mito de Édipo, para descrever a formação da identidade encobre, como denunciou o psicanalista Masson (Atentado à Verdade), a maior parte da patologia formada no início da vida, **porque o abuso sexual e a violência dos adultos com as crianças é imensamente maior que o das crianças com os pais**. Como relatou Teixeira (Instituto Médico Legal – USP), baseado em estatísticas americanas, a estimativa da violência dos adultos com as crianças no Brasil é de 400.000 casos por ano, sendo 40 mil por lesão corporal e 4 mil com óbito (infanticídio).

### A Diferente Formação da Identidade do Homem e da Mulher

Existe um fator central que diferencia o homem da mulher na formação da sua identidade e que precisa ser reconhecido. Trata-se do fato de **ambos nascerem da mulher e terem uma relação intensamente simbiótica com ela** na segunda etapa da vida (0-2 anos) regida pela posição insular matriarcal, mas serem geneticamente destinadas a **terem caminhos opostos**.

A **menina não necessita se separar da simbiose primária com sua mãe**, e pode imitar sua maneira de ser, se vestindo com roupas iguais às dela, se maquiando como ela e se tornando mãezinha de suas bonecas.

**O contrário se dá com o menino**. **Ele necessita se separar da mãe**, sendo vestido com roupas diferentes das dela, e sendo tratado como essencialmente diferente dela. Denomino este fenômeno de **ferida da separação** de todo homem de sua mãe, que é permeada pelo ciúme, inveja e mágoa que ele tem da menina pelo fato dela permanecer com a mãe.

Estes fatores na relação com a mãe são muito influenciados pela relação com o pai. Quando ele é íntimo e próximo, ele ameniza muito a ferida de separação do menino da mãe e a intensidade da simbiose da menina com ela. No entanto, quando o pai não é íntimo, cria-se a **síndrome da dominância emocional da mãe e do pai distante**, que exacerba a problemática acima mencionada dos filhos com a mãe. Nesse caso, a ferida da separação da mãe é exacerbada, como também a ferida da menina, devido ao afastamento do pai.

## Consequências da Ferida da Separação no Homem

É comum vermos os meninos serem bem mais ativos e muito menos falantes que as meninas. Eles se ocupam de corre-corre, de atividades com exuberância física, frequentemente com competições e lutas. Isto é bem diferente de meninas que desde cedo imitam suas mães, no vestir e no enfeitar-se, cuidando de bonecas, que alimentam e brincam como babás ou que as vestem e arrumam para desempenhar atividades domésticas. Devido a essa simbiose, as meninas, frequentemente, andam abraçadas ou de mãos dadas, partilhando tudo o que pensam e sentem. Minha interpretação, como disse acima, é que os meninos, não podendo se identificar com a mãe, devem dela se separar. Ao fazê-lo, privilegiam a **função estruturante do poder**, e falam muito menos entre si, enquanto que as meninas prosseguem na simbiose com a mãe e a imitam, mantendo e desenvolvendo especialmente a **função estruturante de Eros e da comunicação permanente** (vejam Byington, A viagem do Ser..., pp.93-103).

**Esta diferença me parece ser a grande causa em muitos homens da separação entre a função estruturante sexual e a função estruturante afetiva**. É que, quando o menino começa a ativar a sua sexualidade, que se continuará na masturbação e no orgasmo, a sua ferida primária da função afetiva faz com que ele se acostume a buscar satisfação sexual subordinada ao poder, sem a concomitante relação afetiva, porque, com a penetração sexual, ele mantém o poder da conquista no centro da relação.

Esta tendência era muito mais intensa quando o namoro excluía toda e qualquer sexualidade e o menino tinha sua iniciação sexual com prostitutas. Hoje, com o namoro entre os jovens cada vez mais sexualizado, a vivência do afeto com o sexo se tornou mais próxima, mas nem por isso equacionada, pois a prostituição feminina continua frequente em nossa sociedade.

A ferida da separação do menino da mãe afasta-o também da menina. Formam-se assim, dois universos separados, o dos meninos e o das meninas que pautarão a separação adulta entre o homem e a mulher. Obedecendo a essa separação, surge, na infância, o clube do Bolinha e da Luluzinha, que durará até a adolescência. Os clubes são homoafetivos e reforçam a estruturação da identidade do homem e da mulher para além da puberdade. Vivências homossexuais são frequentes nessa idade.

A **ausência do pênis**, observada a partir da terceira etapa da vida (02-12 anos), traz a primeira grande questão da formação da identidade. A percepção da ausência do pênis cria um fator de comparação precoce e fundamental entre o menino e a menina e o homem e a mulher que tem consequências simbólicas diferentes, dependendo da sua coordenação pelo Arquétipo Patriarcal ou pelo Arquétipo da Alteridade.

Desde sempre, a formação da identidade do Ego e do Outro suscita a relação de Eros e poder. Eu gosto ou não do Outro? Ele gosta ou não de mim? O Outro é mais ou menos poderoso que eu? Este problema permeia a relação do Ego e do Outro durante toda a vida e será fundamental também entre o homem e a mulher.

Na posição insular matriarcal, as polaridades competem para realizar o seu desejo e o importante é chegar na frente para se satisfazer. Na posição polarizada patriarcal, os opostos competem para ocupar uma posição hierárquica superior, principalmente na organização social. É na posição dialética de alteridade que as polaridades atingem a maturidade para poderem se relacionar democrática e amorosamente, em função do amor e do poder.

Ao descrever a formação do Ego em função das etapas de desenvolvimento (oral, anal e genital), Freud se deparou com a primeira percepção da diferença entre o menino e a menina devido à ausência do pênis. Dentro da dominância patriarcal familiar e cultural (judaica e austríaca), nas quais se formou, ele situou essa diferença para enquadrar a mulher na posição tradicional de inferioridade a que tinha sido condicionado e isto certamente o influenciou para conceituar a inveja do pênis e o complexo de castração na formação da identidade feminina. Essa concepção tão arraigadamente patriarcal e misógina exacerbou intensamente o afastamento do homem e da mulher e atrasou

enormemente sua caminhada em direção a um relacionamento igualitário e amoroso, dentro da alteridade proposta pela ciência psicológica.

O espírito científico se desenvolveu principalmente numa relação dialética de alteridade entre o Ego e o Outro, apesar de ter evoluído principalmente dentro da dimensão objetiva devido à dissociação materialista subjetivo-objetivo que cindiu o Self cultural do Ocidente desde o final do século XVIII. Ao receber a genialidade de Freud e suas descobertas extraordinárias no final do século XIX, a cultura não soube discernir entre a posição autocrática patriarcal e a posição democrática da alteridade, que é a essência do espírito científico, e assim aceitou a misoginia e a inferiorização da mulher dentro de uma visão de mundo falocêntrica que referenda todo o reacionarismo da tradição patriarcal.

Quando nos livramos da mentalidade patriarcal misógina do Complexo de Castração e da inveja do pênis, junto com a patologização redutivista da relação primária pelo Complexo de Édipo, chegamos à terceira etapa da vida, dos 2 aos 12 anos de idade, para elaborar livre e cientificamente, dentro do quatérnio primário, a percepção do menino e da menina de que ele tem pênis e ela não. Com esta percepção, vemos que eles vão formando a sua identidade por intermédio da elaboração simbólica dos incontáveis significados produzidos pela dinâmica do Quatérnio Primário.

Nesta etapa, nada mais natural que a menina e o menino revelem aos pais sua surpreendente constatação de que a menina não tem pênis. Dentro da elaboração do quatérnio primário esse evento assinala o momento da iniciação feminina e masculina.

A mãe diz à menina que ela não tem xixi (ou semelhante) como os meninos e o papai porque ela tem um xixi que se chama clitóris, e acrescenta: _ “por isso, de hoje em diante, nós podemos trocar de roupa e tomar banho juntas, mas com eles não, porque depois que você soube essas coisas, você se tornou uma mulherzinha junto com a mamãe e nós mulheres vamos ao banheiro separadas dos homens.” Da mesma forma, o pai dirá ao menino: _ “Nós temos pênis e elas não, porque elas tem um xixi (ou similar) que se chama clitóris. Agora que você aprendeu isso, você se tornou um homenzinho como o papai. Agora, nós não vamos mais entrar no banheiro com elas porque os homens vão ao banheiro separados das mulheres”.

Essa iniciação precisa estar em sintonia com a escola, pois sempre que a menina tocar seus genitais nas aulas, a professora jamais dirá “isso é feio”, mas somente “do mesmo jeito que você vai ao banheiro para fazer xixi e não faz xixi na classe, você também deve esperar para mexer no seu xixi na hora do banho, mas não aqui na sala de aula”.

## A Etapa da Latência

Ao formular os conceitos de inveja do pênis e Complexo de Castração, durante a descrição da sexualidade infantil, Freud (1905) postulou também um período de latência nos anos que antecedem a puberdade.

Para a Psicologia Simbólica Junguiana, a etapa de latência na menina é uma criação de Freud, decorrente da repressão patriarcal da sexualidade feminina, consequente aos conceitos de inveja do pênis e Complexo de Castração. Sem eles, não há etapa de latência e a menina começa a manipular seu clitóris na primeira infância e continua a fazê-lo até iniciar a masturbação e atingir o orgasmo franco na puberdade. A condição para que a menina integre o desenvolvimento da sua sexualidade desta maneira é a assessoria da mãe que começou na sua iniciação. É imprescindível que a mãe englobe, para ela própria, essa orientação dentro de uma vivência cultural e espiritual da iniciação feminina.

Quanto ao menino, ele pouco toma conhecimento do conceito de etapa de latência, porque dentro de nossa cultura de dominância patriarcal e, por conseguinte, falocêntrica, ele começa a manipular seus genitais na infância e não para mais. Seu problema será a reunião da sexualidade com a afetividade, pois, quanto à sexualidade, ele sempre terá muito orgulho do seu desempenho. Seu maior desafio será conseguir não sexualizar defensiva e obsessivamente todo e qualquer relacionamento com a mulher.

A iniciação sexual da mulher, como disse acima, foi muito estimulada com os estudos já mencionados e a descoberta dos anticoncepcionais. No entanto, se a menina formar sua identidade dentro dos conceitos da inveja do pênis e do Complexo de Castração e da etapa da latência, ela dificilmente adquirirá o orgasmo, com plena satisfação sexual e sem culpa, tudo o que ela necessita para ser companheira em igualdade de condições com o homem durante o desenvolvimento do quatérnio adulto.

## A Prostituição da Mulher e a Homossexualidade Masculina

Dois grandes fantasmas culturais rondam a formação da identidade do homem e da mulher. Eles são a prostituição na personalidade da mulher e a homossexualidade na personalidade do homem.

A prostituição é uma instituição tão antiga quanto a organização patriarcal da família, iniciada com o assentamento dos povos há mais de 10 mil anos atrás. Desde então, a mulher de família e a prostituta tem influenciado muito a identidade da mulher. A diferença importante entre elas é que a identidade da prostituta é bem definida e caracterizada pela estigmatização e marginalização social. Já a mulher de família tem sua

identidade ameaçada pelo fantasma da prostituta que a constrange em sua expressividade social e, sobretudo no desenvolvimento progressivo da sua sexualidade. São incontáveis os cerceamentos impostos às jovens baseados em preconceitos de que seus anseios não são compatíveis com" moças de família".

O desenvolvimento da identidade masculina para integrar sua função afetiva tem um fantasma equivalente à prostituição na mulher. Trata-se da homossexualidade.

A homossexualidade do homem não é diretamente relacionada com a organização da família e, por isso, provavelmente, é muito mais antiga que a prostituição. Na cultura ocidental, **a homossexualidade só recentemente foi admitida como uma função estruturante normal** (DSM-4R e DSM-5).

Na Psicologia Simbólica Junguiana, a homossexualidade masculina e feminina podem operar normal ou de maneira fixada e defensiva no Self. Isto quer dizer que, como qualquer outra função estruturante, a homossexualidade pode ser normal ou patológica.

Não conhecemos ainda a relação da homossexualidade com a genética, mas reconhecemos que frequentemente, desde pequenos, por volta de 10% ou mais dos meninos apresenta características homossexuais, que se confirmarão na personalidade adulta.

Ao longo da história, a homossexualidade masculina teve uma variação muito grande entre a sua aceitação franca, a sua tolerância relativa e a sua repressão severa. Isto se dá devido ao fato da **homossexualidade ser um terceiro sexo** que questiona a identidade dos outros dois. No caso da homossexualidade masculina, que aqui estamos considerando, a variação da identidade masculina, principalmente pelo exercício assumido da função afetiva e sua aproximação da identidade feminina, pode ser muito ameaçadora para a dominância patriarcal. Por isso, observamos que, de um modo geral, quanto mais radical é a dominância patriarcal de uma cultura, mais ela tende a reprimir a homossexualidade.

Tendo essas considerações em mente hoje, em nossa 14ª aula, analisaremos o filme *Shirley Valentine*, dirigido por Lewis Gilbert em 1989, que aborda por um lado, a liberdade sexual da mulher e por outro, o desenvolvimento da função afetiva do homem. Desta maneira, estaremos entrando na dimensão do **quatérnio adulto** que envolve a interação dos Arquétipos da Anima e do Animus na conjugalidade e na vida profissional. Dentro dessa quinta etapa da vida, além da sua dinâmica específica, teremos sempre também que confrontar **as consequências da função estruturante do quatérnio primário**, inclusive de suas fixações e da Sombra formada dentro dele.

Joe e Shirley representam um casal simples, comum da classe média inglesa na segunda metade do século vinte, que apresenta uma grande estagnação afetiva devido à cronificação da dominância patriarcal, no quatérnio adulto, durante a quinta etapa da vida, que se passa dos 20 aos 40 anos.

Eles se casaram por amor, bastante apaixonados, ou seja, dentro da dinâmica de alteridade, com seus arquétipos da Anima e do Animus bem ativados. Eram afetivos, divertidos e bastante felizes. Isto quer dizer que haviam tido uma adolescência (12-20 anos) relativamente produtiva e que haviam assumido sua dominância matriarcal e patriarcal relativamente na posição ativa, ou seja, passando a viver na sua própria casa, de acordo com seu gosto e filosofia de vida. Digo relativamente, porque eles permaneceram, em parte, na dinâmica matriarcal e patriarcal passiva, reproduzindo o modelo histórico de sua sociedade. Assim tiveram um casal de filhos e Shirley passou a ser exclusivamente mãe de família e Joe, provedor do lar.

Ao chegarem perto do final de sua etapa adulta (40 anos), no meio da vida, na metanóia, Shirley se á conta que o esforço com o desempenho matriarcal e patriarcal para criar os filhos e comprar a casa, abafa o desenvolvimento do seu Animus. A falta de comunicação afetiva e íntima do casal se tornou parte da rotina. Shirley começou a falar com as paredes, a beber um ou dois cálices de vinho à tarde, prenunciando um possível alcoolismo, a se reunir com as amigas para conversarem sobre tudo o que lhes falta e a sonharem com viagens, que Joe não quer nem ouvir falar. Ele chaga em casa sempre cansado, contando com seu chá na hora marcada e seu bife toda quinta-feira.

Por sincronicidade, sua amiga Jane ganha duas passagens para a Grécia e convida Shirley. Jane estava separada, desde que encontrara seu marido na cama com o leiteiro...

Shirley hesita, mas decide viajar, depois de uma briga com Joe, na qual ele não demonstra a menor consideração por ela, o que ilustra como sua função sentimento, ao invés de se desenvolver, estava atrofiando.

Lá chegando, ela conhece o grego Costas, dono de um bar que a corteja irresistivelmente. Ao invés da dominância patriarcal de Joe e sua incapacidade de diálogo, Costas apresenta grande dominância matriarcal, que ele exerce de maneira Don Juanesca para seduzir as turistas, dizendo-lhes que “o que mais quer é ouvi-las”. Sequiosa “para ser ouvida”, Shirley não resiste. Como ela verá mais tarde, Costas apesar de sua dominância matriarcal, também não tem sua função afetiva diferenciada e subordina o seu charme à conquista sexual promíscua, pelo fato de não ter ultrapassado

sua dominância matriarcal e seu relacionamento machista com a mulher no Don Juanismo.

Depois de passar por um terremoto emocional, Joe viaja para a Grécia e os dois se reencontram. Reacendem-se os Arquétipos da Anima e do Animus adormecidos e os dois reatam seu amor diante de um lindo por do sol no Mediterrâneo.

Pensando na função estruturante do quatérnio primário e no vínculo entre os complexos parentais, eu trouxe este filme para mostrar que os complexos materno e paterno podem se comportar plena e amorosamente dentro da dinâmica matriarcal e patriarcal com os filhos, se a sua dominância de alteridade estiver produtiva com o encontro criativo da Anima e do Animus. Neste caso, o que chama muito a atenção é o mutismo crônico e a incapacidade afetiva de Joe de se expressar e a simbiose loquaz entre as amigas e Shirley, estagnada e falando sozinha, no seu trabalho doméstico à beira do alcoolismo.

Continuando o estudo do **quatérnio primário**, agora associado ao **quatérnio adulto**, no caso de *Shirley Valentine*, vemos o problema da estagnação da relação conjugal e como ela afeta defensivamente o vínculo entre os complexos materno e paterno. As fixações ocorridas no quatérnio adulto dos pais afetarão o quatérnio primário dos filhos. Vemos no gráfico anexo, que a constelação dos Arquétipos da Anima e do Animus se intensifica pela primeira vez na quarta etapa da vida, que corresponde ao período da adolescência, dos 12 aos 20 anos. Nesta etapa, os Arquétipos da Anima, do Animus e do Herói, são ativados dominantemente na posição passiva, ou seja, no polo *Yin* da polaridade *Yin-Yang*. Não são os adolescentes que buscam o amor, a vocação e a aventura. Eles simplesmente acontecem em suas vidas.

**PSICOLOGIA SIMBÓLICA JUNGUIANA**
**AS SETE ETAPAS DA VIDA**

**1ª ETAPA: Intrauterina**
**Arquétipo Central**

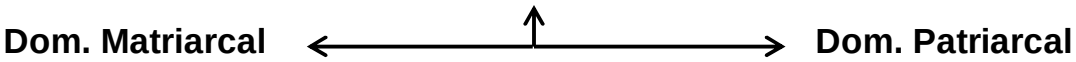
**2ª ETAPA: Primeira Infância (0 - 2 Anos)**
**Arq. Matriarcal Passivo**

**3ª ETAPA: Segunda Infância (2 - 12 Anos) - 1ª Metanoia**
**Arq. Matriarcal Passivo**
**Arq. Patriarcal Passivo**
**Arq.do Herói Passivo**

**4ª ETAPA: Adolescência (12 – 20 Anos) - 2ª Metanoia**
**Arq. Matriarcal Ativo Inicial**
**Arq. Patriarcal Ativo Inicial**
**Arq. Anima / Animus Passivos**
**Arq. do Herói Passivo**
**Arq. de Alteridade Passivo**

**5ª ETAPA: Adulta (21 - 40 Anos) - 3ª Metanoia**
**Arq. Matriarcal Ativo Maduro**
**Arq. Patriarcal Ativo Maduro**
**Arq. Alteridade (Anima e Animus) Ativos**
**Arquétipo do Herói Ativo**

**6ª ETAPA: Maturidade (41 – 60 Anos) - 4ª Metanoia (Jung)**
**Arq. de Alteridade Ativo**
**Arq. Anima e Animus Ativos**




**Arquétipo do Herói Ativo**
**Segunda Adolescência**

**7ª ETAPA: Terceira Idade (Acima dos 60 Anos) - 5ª Metanoia**
**Arquétipo da Totalidade**
**Desapego Existencial / Conjunção Cósmica**

**OS ARQUÉTIPOS CENTRAL, DO HEROI E DA VIDA E DA MORTE**
**ESTÃO PRESENTES EM TODAS AS ETAPAS**

As atitudes ativa e passiva, se referem ao Ego no self Individual.

Na etapa seguinte, que é a dos 20 aos 40 anos, temos a quinta etapa arquetípica que é a etapa conjugal e profissional, na qual se ativa o **quatérnio adulto**. Nesta etapa, os Arquétipos da Anima, do Animus e do Herói estão submetidos aos Arquétipos Matriarcal e Patriarcal para que estes passem a atuar de maneira ativa no Self Individual do adolescente.

Durante as três primeiras etapas da vida, os arquétipos parentais atuam de forma passiva no Self Individual da criança, para formar o Ego com a sensualidade da alimentação e do cuidado na segunda etapa (0-2 anos), de dominância principalmente matriarcal passiva, acrescida do início da socialização na terceira etapa, dos 2 aos 12 anos, com a pujança do arquétipo patriarcal na posição passiva. Estes arquétipos atuam na personalidade dos pais no Self Familiar na atitude ativa.

Isso tudo acontece de maneira passiva para a criança e ativa para os pais, pois a criança tem pouca autonomia para ter iniciativa própria, que se manifesta principalmente pela imitação. Nesse sentido, é interessante ver a criança brincar, pois ela aí dramatiza, reproduzindo e elaborando, por intermédio da imitação, suas percepções coordenadas principalmente pelo Self Familiar.

Durante a adolescência, em função da atuação dos Arquétipos da Anima, do Animus e do Herói, os Arquétipos Matriarcal e Patriarcal começam a coordenar a elaboração simbólica na atitude ativa. Quando o desenvolvimento é predominantemente normal, o adolescente integra relativamente bem a sensualidade e as normas e começa a exercê-las na persona, na alimentação e na ideologia. A seguir, os jovens começam a desempenhar as inovações do Self Cultural e de sua própria individualidade, geralmente ultrapassando o Self Familiar.

Joe e Shirley integraram, na posição passiva, razoavelmente os Arquétipos Matriarcal e Patriarcal na sua adolescência e passaram a exercê-los na posição ativa. Joe empregou-se e tiveram um casal de filhos, criados num lar cuidado por Shirley. No final da quinta etapa e, já na quarta metanóia, o casal apresentou um acentuado arrefecimento dos Arquétipos da Anima, do Animus e do Herói na vida conjugal. Estes arquétipos começaram agora a ser reativados na Sombra, pelo fato de terem sido limitados e parcialmente fixados pelo esforço matriarcal e patriarcal do casamento.

Um dado importante é que Shirley não acompanhou a vanguarda do processo de individuação das mulheres de classe média do seu tempo. Ela não se profissionalizou e, por isso, passa a vida em casa com muito tempo ocioso, dependendo financeiramente de Joe. Agora que os filhos se foram, ela se encontra muito só, a ponto de começar a falar

com as paredes e tomar dois cálices de vinho à tarde, num possível prenúncio de alcoolismo.

Os Arquétipos da Anima, do Animus e do Herói necessitam de um embasamento matriarcal e patriarcal para se desenvolverem. A criatividade profissional, então, necessita especialmente dessa etapa preparatória, que Shirley não tem. Daí se compreender que ela comece a atuar seu Animus sombriamente, polarizando com Joe em quem projeta a Sombra do seu dinamismo patriarcal repressivo. Não há dúvidas, porém, que Joe também tem essa Sombra patriarcal repressora e isso complementa e favorece a projeção de Shirley. Ele cultiva seu chá das cinco e seu bife das quintas-feiras como um relógio. Nesse sentido, sua Anima está mais reprimida que o Animus dela, pois a frustração dela com seu trabalho doméstico e sua dependência financeira, ativam sua revolta, mais do que a Anima na personalidade dele. É que o Arquétipo Patriarcal dele, devido à produtividade do seu trabalho profissional, lhe causa muito menos frustração que o Arquétipo Patriarcal dela na sua ocupação doméstica que, além de enfadonhamente repetitiva, é “gratuita”.

O Animus *yang* fixado de Shirley começa a se manifestar pela Sombra, falando com as paredes, dando o bife do Joe para o cachorro da vizinha e polarizando com ele como adolescente. Devido a uma sincronicidade feliz, Jane ganha duas passagens para a Grécia e convida Shirley.

A viagem permite a Shirley vivenciar seu Animus, *yang*, criativamente com o grego e galanteador Costas. Por sua vez, a fortaleza patriarcal de Joe é abalada e sua Anima, y*in,* se entrega à iniciativa de Shirley, embarca para a Grécia e vai passar uma nova lua de mel com ela nas águas azuis do mediterrâneo. Se esta crise da quarta metanóia levou a um final feliz para o seu casamento, não ficamos sabendo, mas do ponto de vista arquetípico, a crise da quarta metanóia certamente foi decisiva para interromper o workaholismo de Joe, realizar, ao menos parcialmente, o Animus *yang* de Shirley e dar a ambos um novo encontro anima-animus no aprofundamento do seu quatérnio adulto, na sexta etapa da vida.

Boa noite a todos e até a próxima aula, que será **a penúltima** do semestre, quando estudaremos o problema do incesto na quinta etapa da vida de um solteirão e na quarta etapa de uma adolescente. Analisaremos o filme *Lolita*, baseado no romance de Vladimir Nabokov.

Boa semana,

Byington